

## Tentativa de identificação e caracterização de um evento

Renata Teles – nºUSP 7558401

Para Sahlins, eventos são transformações da estrutura, ou seja, pontos que causam uma ruptura da primeira seguida de uma transformação. Há uma relação intrínseca entre evento e estrutura, uma vez que os eventos violam a expectativa das estruturas culturais de um dado grupo. Do mesmo modo, a estrutura cultural de uma sociedade é um produto dos eventos através dos quais eles passaram.

Segundo Tobin e Ritchie (2012, p.119) “durante a atividade social, como eventos dentro de uma sala de ciências, as emoções são produzidas no momento. Através das interações, há um fluxo contínuo de energia emocional que pode ser ligado à saliência de eventos experimentados e a valência associada de emoções discretas” (tradução nossa).

Para os mesmos autores, “quando um evento é identificado a prosódia das interações é descrita qualitativamente usando vídeo e faixas de áudio” (p.120). Tentarei seguir as contribuições desses autores nas anotações, análise de conversações e transcrições ao tentar identificar e caracterizar um evento a partir do gráfico do clima emocional da disciplina EDM 5143-2 em junção ao vídeo gravado da aula no dia 21 de outubro com três alunas (A, B e C) e quatro alunos (D, E, F e G) (Figura 1).



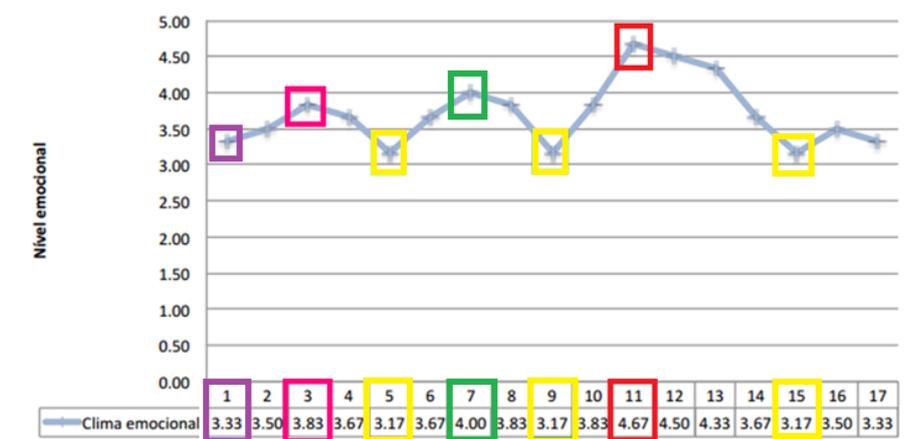
Figura 1 – Alunos da disciplina EDM 5143-2 da aula no dia 21 de outubro  
Fonte: Maurício Pietrocola

No vídeo, como podem observar na Figura 1, todos os alunos estão sentados em formato “L” de frente para a câmera e para o professor. Este trouxe alguns tópicos para os alunos e ele discutirem enquanto a câmera gravava.

Ao observar o gráfico do clima emocional da disciplina supracitada (Gráfico 1), minha curiosidade sobressaiu sobre os pontos de mudança 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 15. Abaixo faço uma análise do que

acontece em cada um dos pontos de mudança e, ao término, apresento o que acho ser um possível evento.

Gráfico 1 – Clima emocional da disciplina EDM 5143-2 com destaque nos pontos 1, 3, 5, 7, 9, 11 e 15



Fonte: Maurício Pietrocola

No primeiro ponto de mudança, aos 3:20' no vídeo, o clima emocional, conforme o Gráfico 1, está 3.33; segundo ponto mais baixo do clima emocional da classe. Pouco antes desse ponto, o professor questionou os alunos sobre um trecho do texto do Tobin sobre “a teoria ilumina a experiência”. Enquanto o aluno F fala que no último texto ele resgata o “Passivity” do Roth e que ele depois vai dizer que a teoria ilumina a prática, a aluna B e o aluno E tomam notas, e os demais alunos têm seus olhares voltados para o aluno F, sendo que a aluna A e o aluno G prestam atenção com um braço sobre a mesa e o outro apoiando a cabeça (Figura 2).



Figura 2 – Alunos segundos antes do primeiro ponto no gráfico de clima emocional  
Fonte: Maurício Pietrocola

No ponto 3 (três), aos 9:38', o clima emocional elevou para 3.83. Acredito que tenha se elevado porque a discussão em questão parecia interessar a todos. Nesse trecho, o professor disse que

“epistemologicamente falando, aprender, o aprendizado é a produção de cultura. Isto é, esquemas e práticas associadas”. E pergunta se os alunos produzem cultura. A aluna A indaga se eles não a reproduzem e o professor completou a pergunta com a reprodução. Logo, os alunos estavam se questionando se os alunos produziam ou reproduziam cultura. Se produzir e reproduzir é a mesma coisa e se tem o mesmo valor. A aluna B sorri declarando que os alunos reproduzem (Figura 3) e logo muda a fisionomia quando é questionada se produzir e reproduzir tem o mesmo valor. Ela mexe a cabeça de forma negativa e fica com o semblante sério (Figura 4).



Figura 3 – Aluna B sorrindo  
Fonte: Maurício Pietrocola



Figura 4 – Aluna B com o semblante sério e o aluno D acariciando a barba  
Fonte: Maurício Pietrocola

Enquanto a aluna B se manifesta, os demais alunos ficam com uma fisionomia de questão pensando com olhares dispersos, e o aluno D fica inquieto na cadeira, acaricia a barba (Figura 4) e logo se manifesta dizendo que ela não acha que é só isso, “eles podem produzir, podem reproduzir, depende”. Em seguida, o aluno E expõe sua opinião dizendo que os alunos produzem e reproduzem. E completa: “ao mesmo tempo que a cultura determina as ações e como que eles interagem, ao mesmo tempo eles estão fazendo coisas e tão agindo sobre aquilo”.

No ponto 5 (cinco), aos 15:54', o clima emocional declinou para 3.17; o ponto mais baixo do clima emocional da classe, similar ao ponto nove e ao quinze que analiso mais adiante. Momentos antes, os alunos aparentam estar um pouco tensos e cansados: a aluna A com uma mão apoiando o rosto, seu olhar caído na direção do professor e sua expressão facial está cansada; a aluna B parece estar raciocinando sobre o que está sendo discutido, seu olhar está fixo para a lousa, semblante amedrontado, suas costas estão apoiadas no encosto da cadeira e as suas mãos não estão sobre a mesa; a aluna C está com a cabeça baixa olhando para a caneta que manuseia; o aluno D gesticula as mãos e tem um olhar fixo para outro ponto da sala; o aluno E toma notas; e, os alunos F e G estão com expressão de reflexão com uma mão sobre seus queixos (Figura 5).



Figura 5 – Alunos tensos  
Fonte: Maurício Pietrocola

A discussão ainda era sobre a produção de cultura dos alunos, contudo, agora estão em busca de uma teoria para a possível resposta. O professor afirma que cultura pode ser diversas coisas e que os alunos precisam saber qual referencial estão usando. Todos concordam que estão usando o Sewell, logo, o professor indaga sobre o que o Sewell fala da reprodução e da transformação.

Um momento de silêncio surge na aula e todos ficam refletindo. O aluno D se manifesta dizendo que “na reprodução existe a possibilidade de transformação”. O professor faz uma objeção sobre a palavra “possibilidade”, complementa alegando que possibilidade pode ou não ocorrer e replica que se é isso que todos concordam. O aluno F expõe que lhe veio a ideia do Roth quando o autor diz que “a gente faz uma ação e sobre uma ação desse processo”.

No ponto 7 (sete), aos 22:05', o clima emocional subiu para 4.00; o segundo ponto mais alto da aula. Nesse momento, o assunto é o mesmo, transformação e reprodução, porém, a interação entre eles é maior. O aluno D, E e G dialogam bastante e o olhar de todos estão voltados para eles. Segundos antes do alarme disparar, quase todos os alunos riram (Figura 6) quando o professor disse, num tom

brincalhão, que ele não mandou um aluno “se virar”; contra argumentando um relato do aluno G quando tentou expor a ideia do professor.



Figura 6 – Alguns alunos rindo  
Fonte: Maurício Pietrocola

No ponto 9 (nove), aos 28:24', o clima emocional caiu para 3.17 novamente. O assunto é o mesmo: reprodução cultural. Momentos antes do sinal disparar para os alunos anotarei seu clima emocional, o professor disse que quando o autor fala “epistemologicamente falando, aprender é produzir cultura” é porque a aprendizagem é uma ação social que envolve lidar com os artefatos, recursos e esquemas, ou seja, tudo o que está envolvido. Esses artefatos não são só cognitivos, está envolvida na produção outras dimensões, como intencional, emocional e atitudinal. O professor complementa dizendo que a reprodução implica sempre algum tipo de transformação, isto é, não é uma transformação emocional, mas que as emoções fazem parte do processo de reproduzir cultura.

No momento do disparo, o professor exemplifica sobre desejar “bom dia” todos os dias para outra pessoa e passar por alguém que conhece sem cumprimentar. O primeiro é uma reprodução e tem uma transformação, visto que nunca estamos da mesma forma, e o segundo não é o esperado e está quebrando as regras do ritual de cumprimento.

Os alunos, como pode ser visto na Figura 7, estão todos com semblantes de que estão refletindo, tentando absorver o que o professor está falando. A aluna A e o aluno D estão com uma mão sobre a boca/queixo, contudo, a primeira está com a coluna para frente e um cotovelo se apoiando sobre a mesa, enquanto o segundo está com as costas no encosto da cadeira. A aluna B está com as costas no encosto da cadeira, os alunos E, F e G estão com os braços/ cotovelos apoiados sobre a mesa, e a aluna C está com a coluna envergada com um olhar distante.



Figura 7 – Alunos refletindo  
Fonte: Maurício Pietrocola

Minutos antes do ponto 11, estava sendo discutido sobre a experiência do que é aprender. O professor diz que na perspectiva Piagetiana é completamente diferente da perspectiva do aprender numa perspectiva de uma teoria cultural. Isso muda completamente o estado.

O ponto 11 (onze), aos 34:34', é o ápice do clima emocional com 4.67. Como pode ser verificado na Figura 8, todos os alunos estão com um sorriso no rosto, com um o semblante mais alegre. O principal motivo para esse elevado clima emocional é que o alarme dispa enquanto o aluno G narra uma ação com sua sobrinha de seis anos de idade quando lhe ajudou a realizar uma tarefa de Matemática que os exercícios sempre resultavam o mesmo número. Percebe-se que essa narrativa gerou descontração e proporcionou muitas risadas para todos, inclusive para o professor que compartilhou de um relato com seu filho no dia anterior à aula relacionado à Matemática.



Figura 8 – Alunos sorrindo  
Fonte: Maurício Pietrocola

Abaixo segue a transcrição da narrativa do aluno F:

*“Minha sobrinha, na época ela tinha seis anos, e eu cheguei do almoço e ela queria que, tinha que fazer lição de Matemática [relato do professor e todos riram] e aí a minha mãe já tinha feito a de Português com ela. E ela falou assim: ‘ah vó, o tio é professor e ela vai saber Matemática [risos]. Ela tava aprendendo ainda a ler, ela passou o dedo em cima do enunciado do exercício e falou assim: ‘tá aqui o que é pra ser feito’. Passando o dedo para eu ler para ela. Aí eu li. O exercício pedia para que ali fizesse representações das formas em forma de número e fizesse a soma. Aí o que tinham lá, eram balões, balão vazio e com cinco maçãs no outro, que ela tinha que representar zero mais cinco e a soma daria cinco. Na sequência vinha uma maçã e quatro, resultado cinco. E ela contando no dedo. Uma mais quatro, contava, fazia lá e dava cinco. Até o terceiro ela tava muito eufórica com o exercício. O terceiro exercício também deu cinco, que era dois mais três, ela parou, me olhou, olhou o exercício e falou: ‘tio, qual o objetivo desse exercício?’ Seis anos! Eu tava sonolento, falei assim, uma criança de seis anos fazer uma pergunta já não é normal isso, essa hora ainda [risos]. E eu falei: ‘bom, o objetivo é que você verifique as diversas formas de se chegar a um mesmo resultado, vamos continuar?’ (Sobrinha) ‘Ah, mas eu já sei qual é o resultado’ [risos altos]. ‘Como assim você já sabe?’ (Tio). ‘Vai dar cinco, quer ver?’ (Sobrinha). Aí ela já mudou o tom de voz. Ela passou a ficar brava [muitos risos altos] [Aluno E disse: ‘fazendo perder meu tempo?’. E nessa história, ela fez, meio que contrariada, já escorregou no sofá, a gente tava na sala, ela escorregou no sofá, e o último exercício ela não queria fazer. “Ah, vamos ter a certeza de que o último também vai dar cinco”. [Risos] Eu tentando mobiliza-la e ela: ‘ah, tá bom. Vamo lá. já que o senhor tá pedindo eu vou fazer, pelo senhor e não pelo exercício’. [Risos altos] Aí ela fez e deu cinco e ela: ‘ah, tá aí, eu não falei que ia dar cinco?’. Ainda ficou brava (...) Nesse tempo fiquei pensando o que era produção e o que era reprodução” (32:28’ – 35:35’).*

Para finalizar a análise de cada ponto que me chamou a atenção, no ponto 15 (quinze), aos 47:01’, o clima emocional declinou para 3.17. Acredito que o clima emocional estava baixo porque minutos antes o professor levantou questões sobre protagonismo que os alunos não sabiam a resposta (Figura 9).



Figura 9 – Alunos refletindo  
Fonte: Maurício Pietrocola

Depois que o professor questiona os alunos se ao falar de protagonismo, falar de tomada de consciência, de estar consciente do que se faz, ambos os conceitos ou as ideias cabem numa discussão de teoria cultural, um longo silêncio tomou conta da sala de aula. O professor ri e, como nenhum aluno se manifestou, pede para a aluna A responder. Ela pensa e responde que não necessariamente quando você toma consciência de si, você age de uma forma a ser protagonista de alguma coisa. O professor concorda, diz que uma pessoa pode tomar consciência de uma coisa que ela não faz e continuar não fazendo e completa dizendo que fez essa pergunta sabendo que ninguém ou a maioria não saberia responder e explica:

*“O conceito de protagonismo, ele não faz sentido numa teoria cultural porque todos somos protagonistas e todos não somos protagonistas. Vai depender muito de como você olhar o que significa protagonismo. Porque protagonismo é esse grau de iniciativa, que talvez a ideia de que você não é passivo, você é ativo no processo, então você é protagonista. Só que veja, a gente acabou de discutir antes que, associado com o agency tem sempre um passivity. Então veja, não tem sentido a gente falar de protagonismo. Ao mesmo tempo que eu sou agente, mas no sentido agente nosso aqui, eu também sou paciente, né? Eu sou ativo e passivo ao mesmo tempo. Então, o protagonismo só faz sentido de ser colocado quando, de certa maneira, eu to numa certa perspectiva de uma teoria social aonde eu tenho esse conceito de que as pessoas podem não agir e as pessoas podem agir” (46:18’ – 47:18’).*

O professor destacou algumas frases dos textos para avaliar o grau de entendimento dos alunos. Para o meu entendimento sobre evento, o questionamento que ele fez para os alunos, de acordo com o texto do Tobin, no início da aula (aproximadamente aos 9:00’) – se os alunos produzem cultura, se eles concordam que, epistemologicamente falando, aprender, o aprendizado, é a produção de cultura,

isto é, esquemas e práticas associadas – foi, para mim, um possível evento, visto que, por mais que o professor tenha questionado antes sobre a teoria iluminar a experiência, o clima emocional da classe se elevou quando os alunos começaram a discutir se os alunos produzem cultura e, as demais indagações, reflexões e discussões sobre reprodução, transformação, consciência, passividade e protagonismo, sob a perspectiva da teoria cultural, foram a partir desse questionamento, inclusive o aluno F trouxe para a aula um relato com sua sobrinha. Acredito que essa pergunta inicial pelo professor sobre a produção de cultura pelos alunos, causou uma ruptura da estrutura dos alunos da disciplina EDM 5143-2, presentes na aula no dia 21 de outubro, seguida de uma transformação.

#### Referência

TOBIN, K.; RITCHIE, S. M. Multi-Method, Multi-Theoretical, Multi-Level Research in the Learning Sciences. *The Asia-Pacific Education Researcher* 21:1 (2012), pp. 117-129.